



1290001235



FE

TCC/UNICAMP D687u

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - U

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO: PROBLEMA EM QUESTÃO

1733

SANDRA HELENA DOLCIMASCOLO

Monografia apresentada como
exigência parcial para
aprovação na Disciplina EP-150
Sistemática do Trabalho Indivi-
dual e de Grupo.

Campinas, julho de 1.991.

S U M Á R I O

	P.
1. INTRODUÇÃO.....	05
2. LIVRO DIDÁTICO.....	06
2.1. Conceito	
2.2. Caracterização	
2.3. Utilização	
3. O USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE PORTUGUÊS.....	11
3.1. Prós	
3.2. Contras	
4. PROBLEMAS GERADOS PELO USO DO LIVRO DIDÁTICO.....	17
5. REFLEXÃO.....	19
6. CONCLUSÃO.....	23
BIBLIOGRAFIA.....	25
ANEXOS.....	28

Agradeço ao meu namorado
Fernando pela elaboração desta
monografia em microcomputador.

"Um bom livro didático pode ser fonte de aprendizagem se bem orientado for seu uso; não deve, porém, em hipótese alguma, ser fonte única".

Alaíde Lisboa de Oliveira,
O Livro Didático.
p. 102.

1. INTRODUÇÃO

Através desta monografia, pretendo colaborar para a análise e compreensão de um assunto polêmico que tem sido tema para muitas discussões: livro didático.

Felizmente hoje há livros, teses e artigos preocupados com a questão. Isto justifica a problematização que este instrumento tem gerado dentro do processo educacional.

Todos nós sabemos que o livro didático é um mal necessário, pois com o péssimo salário pago aos professores, com o elevado número de aulas e a falta de tempo para prepará-las, faz com que o livro didático seja um bom apoio. Nele está estabelecido todo o roteiro de trabalhos para o ano letivo, dosa as atividades de cada professor do dia-a-dia em sala de aula e ocupa os alunos por muitas horas em classe ou em casa. Entretanto, se o professor estiver interessado no pleno desenvolvimento do pensamento do aluno em determinada disciplina, poderá obter bons resultados através do material que está sendo envolvido no processo pedagógico. Este material pode ser até mesmo um livro ruim, que deixa muito a desejar, mas que dá para ser utilizado, pois pode ser um bom recurso, principalmente aos alunos da escola pública que não têm acesso a outros livros em casa. Isto me leva a reforçar a idéia de que o livro didático

deixa muito a desejar, mas é indispensável em sala de aula.

O livro didático é muitas vezes combatido, justamente porque não foi bem escolhido ou não é bem utilizado. No decorrer deste trabalho, abordarei sua conceituação, caracterização e utilização, sua influência no ensino de português, problemas gerados pelo seu uso e se é possível substituí-lo por outros materiais pedagógicos.

A partir desta análise, será possível posicionar-me criticamente quanto a verdadeira função exercida pelo livro didático dentro do processo educacional.

2. LIVRO DIDÁTICO

2.1. Conceito

O conceito de livro didático tem mudado ao longo dos anos, variando. Segundo a obra "O livro didático e sua utilização em classe" (MEC-COLTED, 1970, p. 31-2), o livro didático é considerado um instrumento de aprendizagem, utilizado nas escolas, como "suporte" de uma programação de ensino. Desse modo, a experiência indireta bem organizada e grande em número, chega ao aluno.

Outro conceito é o fornecido por Sund e Trowbridge que dizem que o livro didático serve para organizar a informação, reforçar conceitos, dirigir atividades e propor objetivos para o estudo de um particular campo científico (Sund, Robert e Trowbridge, Leslie, W. Nassif, L.A.L, O

conceito de ciência veiculado por matérias didáticas, p. 120).

O livro didático possui uma vasta conceituação, porém me deterei, a seguir, em analisar suas características e sua utilização.

2.2. Caracterização

Pode-se caracterizar o livro didático por meio das funções ou papéis que ele desempenha. Segundo Sund e Trowbridge o livro didático pode apresentar um caráter instrumental e cultural.

A função, o papel ou o caráter instrumental pode ser explicado, visto ser o livro didático armazenador do conhecimento existente, de modo ordenado, selecionado e simplificado como: fonte não original do conhecimento; fonte de informações, instrumento de trabalho do professor; e facilitador do processo de ensino e da aprendizagem.

A função cultural pode ser caracterizada pelo registro de fatos da tradição oral tais como: lendas, adivinhações, anedotas e histórias, bem como pelos textos da tradição literária, em que figuram as convenções linguísticas e as normas estéticas; pelo desenvolvimento das relações inter e extra pessoais e pela cooperação internacional.

Já na perspectiva de Délcia Enricone (A Nova

Política Educacional do Livro Didático - considerações sob o ponto de vista pedagógico, p. 58), os livros podem ser caracterizados do seguinte modo:

- informativos ou repositórios: que ajudam a ordenar a mente, que informam;
- iluminativos: que dialogam com o leitor, que ajudam a mente a transcender sua situação atual.

Tanto a perspectiva de Sund e Trowbridge como a de Délcia Enricone, têm um ponto em comum: ambas demonstram o papel relevante que o livro desempenha na ação educativa. Daí a importância do livro ser de boa qualidade, ou seja, apresentar "determinadas" características que façam dele um bom livro.

Assim, conforme a obra "O livro didático e sua utilização em classe" (MEC-COLTED, 1970, p. 48-9), o livro didático deve ser:

- coerente com os objetivos do ensino fundamental;
- considerar as características do educando conforme a idade (interesse, conhecimentos, experiências e habilidades) e suas aptidões;
- observar os princípios da aprendizagem e as características básicas da matéria em estudo;
- apresentar exercícios "bem dosados e adaptados aos conhecimentos anteriores da criança";
- ser atualizado e correto quanto "a conteúdo, técnica, método e procedimentos didáticos";

- ter boa apresentação material quanto à "cor e espessura do papel, tipos, margens, espaçamento das linhas, ilustração e encadernação" (forte, costurada), sendo acompanhado de manual com informações complementares para o professor.

Embora todos os livros devessem atender a esses requisitos, muitos, pode-se dizer até que a grande maioria, foge deste padrão.

Aos que atendem aos requisitos acima, vale lembrar que, embora de boa qualidade, o livro somente em si não basta. O que vale realmente são as ações, as iniciativas que sugere - pesquisas, experiências, manualismo, trabalho em grupo, cooperação e sociabilidade. O professor jamais pode ser posto de lado; não devemos esquecer que os livros são apenas instrumentos da educação com o objetivo de servir ao estudante como repositório de noções exigidas por determinado curso; e ao professor como auxiliar, como elemento básico na sua difícil tarefa.

Contudo, não se pode negar a existência de uma corrente de educadores que considera o uso do livro dispensável a até prejudicial. Porém, a importância ou não do uso do livro didático será discutida mais adiante, já que este é o objetivo deste trabalho.

2.3. Utilização

Antes de tudo, é importante lembrar que o livro

didático, sendo um instrumento a serviço do professor, deve ser usado conscientemente pelo mesmo.

Ao aplicar o livro, o professor deve ter em mente que o seu seguimento rígido pode não atender às condições de cada turma ou de cada criança em particular, devido aos fatores imprevisíveis que devem ser levados em consideração.

O professor não deve ficar preso ao livro, dirigindo seus trabalhos conforme o livro determina, mas sim aplicar os capítulos de acordo com o desenvolvimento dos trabalhos da classe. Deve entrosar o livro didático com obras de referência, como o livro de leitura com vocabulários e dicionários; o livro de estudos sociais com atlas e mapas. Enfim, deve enriquecer as experiências que o livro proporciona ao aluno com a consulta a outras obras, devendo também promover a leitura de livros de literatura.

O professor deve, ainda, levar o aluno a tirar o máximo de proveito do livro, fazendo com que extraia as idéias principais; consulte índices e glossários; interprete mapas gráficos e tabelas; elabore esquemas e faça anotações e resumos.

Antes de colocá-lo na mão do aluno, o professor precisa analisar cuidadosamente o livro. Não deve obrigar o aluno a fazer tudo o que o livro contém, como se fosse o essencial de toda a aprendizagem, deve tornar, para o educando, tão claro o objetivo da aprendizagem que o permita julgar até que ponto o livro poderá auxiliá-lo.

Ao primeiro contato com o livro didático, professor e alunos, juntos devem examiná-lo começando pela capa, folha de rosto, prefácio, passando em seguida para a apresentação do índice da matéria, como um plano, mostrando onde o curso irá variar da organização do livro.

Como já foi dito, o professor não deve jamais se restringir apenas ao estudo do livro e reproduzir o seu conteúdo, deve, antes de tudo, incentivar os exercícios, elaborando perguntas, enfim, estimulando os alunos a contribuírem com informações de outras fontes.

3. O USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE PORTUGUÊS

Na tentativa de avaliar como o livro didático de comunicação e expressão, para o primeiro grau, pode auxiliar o professor e o aluno no desenvolvimento do hábito de ler e na promoção do espírito crítico, considerando ser ele um recurso, por excelência usado na escola brasileira, realizou-se uma pesquisa onde pode se traçar o perfil do livro didático e do professor que o utilizou. Na análise qualitativa dos livros de comunicação e expressão do primeiro grau, constatou-se que tais livros não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o gosto pela leitura inteligente, nem estimulam a reflexão e a crítica. Tais livros desrespeitam o professor e o aluno, e sobretudo este último, à medida que não os instigam a crescer e nem mesmo

sequer os levam a adquirir consciência do uso que podem e devem fazer da capacidade humana de comunicação.

O que se pode notar é que existe uma certa acomodação por parte de alguns educadores. Mas, por outro lado, há aqueles que lutam contra este comodismo.

Em uma pesquisa realizada para saber quais os livros preferidos pelos professores e quais os processos utilizados para sua seleção e escolha, concluiu-se que o livro mais escolhido é aquele em que predomina a preocupação com o ensino de gramática, sendo este ensino feito da maneira mais convencional possível. Pode-se notar também que o mais adotado era de inferior qualidade por propor uma metodologia centrada na mecanização de conceitos e por não propiciar ao aluno manifestações mais livres de suas idéias na medida em que seus autores eram extremamente diretivos, oferecendo muitas sugestões de "moldes" para redações e atividades de expressão oral e se ocupavam, predominantemente, da sistematização gramatical.

Conclui-se, portanto, que o livro é para ser lido, entendido e assimilado em seu conteúdo nacional e nunca para ser memorizado e repetido pelo aluno ao professor ou examinador nos pontos sorteados.

O livro único não facilita a expansão do horizonte cultural, mas a ausência de um livro restringe a visão deste horizonte.

3.1. Prós

Existe um grande número de educadores a favor da utilização do livro didático em sala de aula, tentarei, então, mostrar os prós desta utilização.

O livro didático é fundamental na aprendizagem, na leitura e nos estudos, pois estas não são habilidades naturais, são comportamentos adquiridos. Não basta superar o estágio de alfabetização para ser um bom leitor e saber estudar.

Alguns valorizam o livro pela sua coerência interna, onde as atividades propostas decorrem da concepção da linguagem adotada e este se explicita em cada uma das atividades. De início a função do livro didático é auxiliar. A limitação, a dosagem da matéria, dos pontos, dos programas, e das lições é uma das atividades do livro didático. Assim, ele faz com que alguns professores não se estendam demais, exigindo excesso de noções e minúcias desnecessárias e fatigantes, e outros não resumam em demasia. O livro didático deve padronizar o desenvolvimento das matérias, respeitando o espírito dos programas; proporcionar aos docentes melhores resultados de seu trabalho e colocar ao alcance imediato de professores e alunos, estampas, mapas, desenhos necessários à objetivação do ensino, bem como oferecer textos parciais e cópias de documentos. Assim, visam servir ao estudante como compilação

documentada.

Para alguns alunos, o livro é instrumento indispensável por constituir a base de fixação da matéria ensinada, sendo a exposição feita no livro, em alguns casos, mais precisa e esclarecedora que a exposição ouvida em aula. O livro continua sendo aquele que sabe e desvenda os segredos do saber indicando o caminho a ser seguido. Por outro lado, há aqueles que consideram imprescindível a explicação do professor para poder entender o livro, preferindo explicações mais longas e mais claras.

O livro é a melhor forma de informação para o aluno, por oferecer possibilidades de revisão, comparação e consulta imediata. Sua mensagem é mais estável do que a apresentada por outros meios, podendo ser explorada e facultada ao aluno o controle do que lhe é apresentado. Contudo, o uso apropriado do livro didático deve considerar sempre o conteúdo, o aluno, o professor e o contexto, como elementos interrelacionados.

3.2. Contras

Assim como existe uma grande corrente de educadores a favor da utilização do livro didático, existem também aqueles que vão contra esta utilização. Fazendo uma análise dos livros de comunicação e expressão constatou-se que estes livros não ajudam o professor a desenvolver nos alunos o

gosto pela leitura, não contribuem para a formação de hábito de leitura inteligente, nem estimulam a reflexão crítica porque apresentam textos defasados, propõe atividades pobres de entendimento de texto e não se preocupam em estabelecer discussões em torno do mesmo. Estes livros desrespeitam tanto o professor como o aluno, e sobretudo, não os levam a adquirir consciência do uso que podem e devem fazer da capacidade humana de comunicação.

Muitos livros apresentam-se sem uma finalidade definida a não ser o treino em si mesmo, desvinculados do uso funcional da linguagem, contendo até, por vezes, impropriedades, quer do ponto de vista linguístico ou metodológico, constituindo-se em atividades mecânicas que pouco ou nada contribuem para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. Quanto a escrita, os livros mantêm o padrão de pobreza de estímulos e de metodologia inadequada, não contribuindo para ajudar o aluno a usar com prazer essa nova habilidade, que deveria estar começando a conquistar.

Para a redação, os livros oferecem sistematicamente roteiros, modelos, atividades extremamente limitadas e repetidas tirando o prazer de imaginar e escrever livremente, não incentivando em nada a originalidade.

Alguns educadores vêem o livro didático como um mero condutor de ideologias e multiplicador de preconceitos, refletindo evidentemente, uma percepção que a sociedade

brasileira faz de si, uma concepção irreal tornando-se entidades nefastas. Assim, por acharem que o livro didático aliena, pré-determina e falsifica as condições de trabalho, é que muitos educadores são contra a sua adoção, pois uma vez adotado, este passa a conduzir o processo de ensino, enquanto que o professor e o aluno é que deveriam conduzi-lo.

Os livros didáticos oferecidos tem em geral um formato estereotipado, isto é, trazem um texto seguido por uma série de questões, exercícios e atividades às vezes mal elaboradas, repetitivas e monótonas que se destinam a fazer com que o aluno compreenda o que lê, não se preocupando em saber se ele será capaz de estudar ou não com este livro, se saberá conduzir-se diante das questões propostas e se terá as necessárias habilidades de estudo.

Hoje, o livro didático não corresponde às necessidades dos professores nem as dos alunos, pois basta que ambos estejam interessados em aprender algo mais profundo do que o oferecido, já não encontram no livro meios para avançar no conhecimento. Talvez o livro esteja sendo adotado por dar as aulas prontas, dispensando o professor de pensá-las e de criá-las segundo as necessidades concretas do ensino. Finalizando, o livro didático é em si uma sugestão, e não uma receita.

4. PROBLEMAS GERADOS PELO USO DO LIVRO DIDÁTICO

Quando o livro didático não é visto como um instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula, mas sim como a autoridade, o critério absoluto de verdade a ser adotado na aula, onde o educador não usa sua criatividade ao utilizá-lo, tanto o professor como o aluno sofrerão "danos" que podem perdurar a vida inteira e trazer sérias consequências ao processo educativo. Muitas vezes, o aluno por aversão à matéria, passa a detestar um assunto por toda sua vida devido a compreensão errônea dos conteúdos.

A utilização do livro pelo professor como fonte de todo o saber, acarretará em sérios prejuízos ao aluno, pois este pode pensar que terminada a leitura e os exercícios do livro, já aprendeu tudo, quando na verdade o aprendizado mal começou. O livro "dono da verdade" leva o aluno a conceber conteúdos como verdadeiros, mesmo quando errados, pelo simples fato de estar escrito no livro.

O livro didático deve ser considerado um instrumento de aprendizagem, utilizado nas escolas como material auxiliar no trabalho do professor e que contribui, significativamente, para o processo educativo. Não há livro capaz de substituir o verdadeiro educador, isto é, o professor pode dispensar o livro para o aluno, entretanto, o livro não pode dispensar o professor. Este é quem ministra o ensino, e o livro deve servir de material de apoio para o

cumprimento de seus objetivos.

Se o professor utilizar o livro didático como único roteiro em sala de aula e não como um instrumento de apoio, torna-se um professor privado de criatividade. Isto será passado a seus alunos que terão, provavelmente o mesmo pensamento e comportamento.

O aluno deve conscientizar-se da idéia de que o livro pode apresentar erros e por isso deve ter a capacidade de avaliar o que está escrito para não assimilar o conteúdo sempre como verdadeiro.

A aprendizagem poderá obter um grande avanço se o professor ensinar a seus alunos a descobrirem os erros e a refazerem os conteúdos.

A ideologia, expressão da classe dominante, faz do livro um dos meios mais eficazes para sua transmissão. É preciso uma reflexão crítica sobre o livro e seus conteúdos por parte dos alunos e professores, para que a internalização dos conceitos e preconceitos da classe dominante não acabem prevalecendo.

Portanto, para um completo desenvolvimento educacional, é necessário que professores e alunos sejam capazes de analisar e discutir o livro utilizado e refazer as partes que não estejam bem formuladas. Assim, o livro será um instrumento de valor aos alunos e professores. Mas, este trabalho é um tanto quanto complexo, pois se o professor quiser que o livro didático passe de um mal

instrumento para um instrumento auxiliar de seu trabalho, é preciso muita análise e reflexão.

5. REFLEXÃO

Apesar de ser o tema central para muitas discussões e críticas, o uso do livro didático na realidade educacional brasileira torna-se inevitável. Isto porque o livro pronto, comprado nas livrarias, facilita grandemente o trabalho do professor, que por comodismo deixa de refletir sobre as verdadeiras necessidades de seus alunos.

Segundo a professora Eloísa de Mattos Hofling, do Departamento de Metodologia da Faculdade de Educação da Unicamp, a maioria das professores usam exclusivamente o livro como roteiro de aula. Além da influência exercida pelas editoras sobre os professores ao uso indiscriminado e exclusivo do livro na classe, Eloísa aponta ainda alguns fatores que levam à não descoberta de novas alternativas de ensino:

- inexistência de cursos de atualização e reciclagem do professor;
- cursos de formação que não se preocupam em discutir critérios de uso e escolha de livros;
- pouca discussão na escola para escolha e aplicação do livro;

- professores desmotivados devido aos baixos salários e as longas jornadas de trabalho, que impossibilitam pesquisas;
- escolas sem condições materiais, como bibliotecas e mimeógrafos, para desenvolvimento de alternativas de ensino.

Entretanto, duas experiências mostram que é possível não depender tanto do livro didático no processo pedagógico.

A primeira experiência foi feita pela professora Márcia Antônia Privato (SP), que após 26 anos de trabalho em alfabetização, conseguiu se libertar da cartilha juntamente com seus alunos. Embora reconheça que dê mais trabalho para preparar e avaliar as aulas, os resultados obtidos são recompensadores.

A segunda experiência foi feita pela professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira Edith Guedes Fortes (RS), que no início de sua carreira foi muito dependente do livro didático. Mas, procurou logo se libertar, pois o livro como vinha sendo usado, não correspondia às necessidades de aprendizagem de seus alunos.

As duas professoras concordam no mesmo ponto: o livro didático traz uma série de vícios, é apresentado como se fosse um universo completo de informações e promovido como recurso insubstituível.

Embora atribuam críticas, elas não são contra a adoção do livro, preferindo considerá-lo apenas um ponto de referência para o professor e uma fonte de consulta para o

aluno.

Para Maria Antônia, a utilização de material diversificado como fichas com sílabas e letras, quebra-cabeças, macarrão com formato de letras, cartazes e músicas mimeografadas ficava mais fácil trabalhar a leitura, interpretação de texto, ampliação de vocabulário e noções gramaticais. Ao aluno cabia a tarefa de pesquisar na biblioteca a complementação do assunto estudado. Assim, era estimulada a criatividade e o espírito crítico nos alunos.

Um dos fatores que levou a professora Edith Guedes a abandonar o livro didático, foi sua atuação pedagógica nas escolas de periferia, pois os alunos não tinham condições de adquirir o livro indicado. Assim, utilizou revistas e jornais velhos, sempre pedindo para o aluno pesquisar, trazer textos recortados para discutir e analisar em classe. Isto permitia o desenvolvimento da criatividade do aluno e também do professor. O uso da imaginação e do pensamento pela criança terá mais valor do que qualquer página do livro didático, pois tanto a imaginação como o pensamento são coisas feitas por elas.

Pode-se destacar também, o trabalho realizado pela professora Vera Lúcia Góti (SP), que através de suas experiências e pesquisas constatou que o livro didático pode provocar uma limitação no conteúdo a ser estudado. Isto porque o esforço em trabalhar bem o livro praticamente não abre nenhum espaço para outras atividades. Segundo Vera

Lúcia, a motivação e a atenção dos alunos era mais acentuada quando estes se entretinham com atividades que exigissem o seu esforço de trabalho e criatividade durante a aula. Assim, surgiu a idéia da não-adoção do livro didático. Eram os próprios alunos que organizavam o seu livro em uma pasta de grampo, contendo fichas por eles elaboradas denominadas fichas de consulta. Estas fichas eram montadas a partir de recortes de textos didáticos, jornais, revistas, fotografias, cartões postais, documentos históricos, entrevistas, mapas e enciclopédias. Ao professor cabia a tarefa de coordenar e orientar os trabalhos de pesquisas em sala de aula, como também apresentar sugestões para o desenvolvimento das atividades.

A elaboração do material era feita sob o comando do professor que sempre procurava atender as sugestões dos alunos. Assim, eram utilizadas fichas individuais mimeografadas para fazer a introdução de uma Unidade a ser estudada. Nessa ficha os alunos realizavam a interpretação do texto, elaboravam o vocabulário e completavam as ilustrações sempre auxiliados pelo professor.

Numa fase posterior, cabia ao aluno um trabalho de pesquisa que visava complementar a Unidade. Era necessário a apresentação de fichas individuais contendo resumo, ilustração, entrevistas e observações. Essas fichas eram revisadas pelo professor e utilizadas como recurso de avaliação. Este trabalho permitia ao aluno se sentir um

agente do processo de criação e composição do próprio livro didático.

Portanto, fica claro que a maioria dos livros didáticos devem ser suplementados por outros meios ou técnicas pedagógicas para assim atender e corresponder às verdadeiras necessidades dos alunos.

6. CONCLUSÃO

Na realização desta monografia, pude constatar que o livro didático dentro do processo educacional, de início, tem por função ser um recurso auxiliar no trabalho do professor, pois este nem sempre está bem preparado, como seria desejável, em sua tarefa pedagógica. Assim, muitos professores acabam por utilizá-lo como recurso único na sala de aula, o que é lamentável, porque gera um "esquecimento" do que é útil, necessário e recomendável para o aluno.

O livro didático totalmente preenchido não exige que o professor - que possui uma carga horária quase sempre acima do que lhe permitiria fazer um trabalho consciente, mas que lhe é necessária para sobreviver - revise o conteúdo que trabalha o que faz com que a aula, cada vez mais, se torne pobre. É infelizmente é sabido que, por vezes, professores e até alunos sentem-se presos a ele como se resumisse todo o conteúdo a ser trabalhado na série ou curso.

Assim, o livro deixa de cumprir sua função de auxiliar e passa a ser aquele que comanda todo o processo educacional. Mas, será que esta situação pode ser modificada? Sim, é preciso que os professores se conscientizem que o livro didático, por lhes oferecerem um certo comodismo, sozinho, não basta. A sua suplementação, por outros meios ou técnicas pedagógicas, deve ser encarada como um objetivo a ser atingido, para atender e corresponder às verdadeiras necessidades de aprendizagem do aluno.

Portanto, o livro didático deve ser considerado um instrumento em função do processo de ensino - aprendizagem que tem por meta levar o educando a pensar, a apreciar, criar novas situações e avaliar criticamente as situações a ele apresentadas.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. COLTED. O Livro Didático sua utilização em classe. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza S.A., 1970.
- CALLAI, J.L. "Em busca do sujeito" in Revista Leia, São Paulo, vol. 9, número 108 (outubro, 1987), p. 61.
- ENRICONE, Dêlcia. "A Nova Política Educacional do Livro Didático: considerações sob o ponto de vista pedagógico" in Revista Educação, Porto Alegre, ano IX, número 10 (1986), p. 55 - 65.
- FARACO, C.A. "As sete pragas do ensino de português". On, Geraldi, G.W. O texto na sala de aula; leitura e produção. Cascavel, ASSOESTG, 1984, p. 17 - 23.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. "Qual é a do Livro Didático?" in Escola Aberta - Jornal da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, ano V, número 10 (fevereiro, 1988), p. 03.
- FLEURY, Renato Sêneca. "Livro Didático" in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, vol. 35, número 82 (1961), p. 174 - 177.

FREITAG, Bárbara. e outros. *O Livro Didático em questão*, São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, J.W. "Livro Didático em Língua Portuguesa; A Favor ou Contra? Entrevistado por Ezequiel Theodoro da Silva, in *Leitura Teoria e Prática*, Campinas, vol. 06, número 9 (junho, 1987), p. 3 - 7.

GOI, V.L. "Fichas de consulta em substituição ao livro didático" in *CADERNOS CEDES*, São Paulo, número 10 (1984), p. 53 - 56.

KELLY, C. "O Livro e o Ensino" in *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, vol. 13, número 43 (1970), p. 11 - 13.

LAJOLO, M. "O Livro Didático: velho tema, revisitado". Em *Aberto*, Brasília, vol. 6, número 35 (julho - setembro 1987), p. 1 - 9.

MAS, um mal necessário? in *Campus: Jornal da Universidade Federal do Paraná*, número 6 (abril, 1985), p. 8.

MENEGAT, Clarice Therezinha Arenhart. *Considerações acerca do Livro Didático*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1981, 99 páginas.

- MOLINA, O. "O Livro Didático e as habilidades de estudo" in Revista Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 38, número 5 (maio, 1986), p. 845-8.
- MOYSES, L.M.M. "O cotidiano do livro didático na escola: as características do livro didático e os alunos" in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, São Paulo, vol. 67, número 157 (setembro - dezembro, 1986), p. 657-8.
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. O Livro Didático. (3a. Edição) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, 141 páginas.
- PONDE, Glória e outros. "O Livro Didático na Área de Comunicação e Expressão" in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, vol. 66, 1985, p. 149 - 151.
- PONDE, Glória e outros. "O Livro Didático na Área de Comunicação e Expressão" in Revista Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 38, número 5 (maio, 1986), p. 829 - 835.
- SANTOS, J.R. "Livro Didático; um mal necessário?" Cadernos de Pesquisa, São Paulo, número 63 (novembro, 1987), p. 99 - 100.
- SASAKI, Robinson e outros. "Livro Didático: Limite seu uso e abra uma porta para a criatividade" in Revista Nova Escola, p. 30 - 33.

ANEXOS

Entrevistas realizadas com três professoras de Língua Portuguesa sobre a utilização do livro didático na área de Comunicação e Expressão.

Perguntas:

1 - Você acha importante a utilização do livro didático em sala de aula ? Por quê ?

2 - Quais os recursos que você utiliza durante a aula ?

3 - Se você não utilizasse o livro didático, quais os recursos que você utilizaria ? Como você elaboraria suas aulas sem o livro didático ?

4 - Qual o número de aulas dadas por dia ? Você teria condições de elaborar suas aulas com base em outro texto mais atualizado e interessante em forma de apostilas ?

5 - Você não acha que o livro didático torna o aluno dependente ?

6 - Você utiliza o livro didático a critério da escola ou de você mesma ?

Entrevista número 1:

Professora: Sandra Regina Evaristo

Escola: Externato Farroupilha

Tempo de Serviço: 6 anos

1 - O livro didático pode ser facilmente substituído, se houver possibilidade de se usar outros materiais.

2 - Eu uso jornais, revistas, flaps, xerox diversos, jogos, cartazes, etc.

3 - Eu não uso apenas o livro didático, uso outros materiais que foram citados na questão anterior.

4 - Sim, basta que seja oferecido tempo e todo material necessário para essa elaboração. Isto é absolutamente necessário, pois não é possível realizar coisas novas se não houver tempo e material.

Eu particularmente faço uso de apostilas e procuro sempre trazer para sala de aula textos reais, que sejam bem próximos da época e da realidade que vivemos.

5 - Ele torna o aluno um pouco acomodado, pois tudo que é oferecido de uma maneira semi-pronta leva a se pensar cada vez menos.

6 - Uso pelo critério da escola, mas ele é usado como um pequeno complementar, podendo ser abandonado sem mudar nada.

Na escola particular ele pode ser adotado porque é apenas um complemento (não essencial).

Na escola pública é difícil não adotá-lo, pois falta todo o apoio necessário, já que não há tempo, material, amparo ou qualquer espécie de ajuda para o preparo de qualquer aula. Para mim, infelizmente, há duas realidades diferentes.

Entrevista número 2:

Professora: Márcia Grizzi Rossara Affonso

Escola: EEPG Leonor Z. Falson

Tempo de Serviço: 5 anos

1 - Creio que o livro didático limita muito a aula. Ele deve ser usado como mais um elemento, mas não como o principal.

2 - Costumo selecionar diversos textos, com esquemas diferenciados de interpretação. Exijo do aluno que copie o texto em seu caderno, como treino para ortografia. Procuro mais trabalhar com leitura e interpretação e pouco com gramática. O aluno precisa aprender a ler, entender e se expressar, fundamentalmente.

3 - Costumo utilizar notícias de jornais e revistas. Adoraria utilizar um vídeo para podermos reproduzir os diálogos e pensar um pouco nas novelas que são os atuais "livros" do povo brasileiro.

4 - Tenho cinco aulas por dia. Embora com carga parcial, elaborar a aula em casa é quase impossível. Há outros afazeres.

5 - Sem dúvida, o livro didático vicia o aluno a seus esquemas e quando se apresenta outros, o aluno se perde e mostra a dificuldade que tem em enfrentar novas situações linguísticas.

6 - Não dispenso o livro didático, mas procuro misturá-los. Não há nenhum ideal. Alguns ganham em texto e interpretação,

mas perdem na gramática e vice-versa.

Sou a favor da utilização do livro didático como um complemento, desde que não torne o aluno dependente dele.

Entrevista número 3:

Professora: Vera Maria Pereira Blascovi

Escola: EEPG Leonor Z. Falson

Tempo de Serviço: 19 anos

1 - Acho dispensável o livro didático, porque limita o campo de ação do professor. Porém, nas atuais condições de trabalho, como preparar material para utilização em sala de aula? Não há tempo, não há dinheiro. Portanto ... o livro didático continua sendo utilizado, apesar de tudo.

2 - Todo recurso humano possível, pois recurso material inexistente. Através dos livros fazemos leitura (quando há livros), interpretações e exercícios. Textos de jornais, revistas, cartazes, livros paradidáticos e sugestões trazidas por alunos.

3 - Os mesmos citados na questão anterior. Pesquisando textos ou material do interesse da realidade apresentada. Daí, partiríamos para elementos novos de acordo com o desenvolvimento apresentado pela classe.

4 - Depende. Oito, nove ou até dez. Que sonho! A realidade é bem outra. Não há tempo nem para correção do essencialmente necessário.

5 - Dependente, não. Acho que o termo seria acomodado.

6 - A meu critério. Sou a favor da utilização do livro didático, porque ainda é melhor do que a improvisação.
